

Bancada de Minas fala em demissão

A investida do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, contra o Plano Cruzado repercutiu negativamente na bancada mineira do PMDB. Os parlamentares consideraram, no mínimo, «insólito» o comportamento do ministro e houve até quem falasse em demissão, como o deputado Luis Alberto Rodrigues: «Não defendo a política econômica do governo, mas não sou ministro. Agora, quem é, ou se afina ou sai. E caso de demissão», sentenciou.

Já o deputado Aloísio Vasconcelos considerou incoerente as declarações do ministro das Minas e Energia: «Ele é participante da Aliança Democrática, portanto também responsável pelos atos do governo». O deputado Hélio Costa deu tratamento diferente à questão, lembrando que Aureliano Chaves é aspirante à Presidência da República.

— Quando está tudo normal, ele não se manifesta, e é até um candidato sem condições. Se a coisa anda mal, ele é sempre lembrado, interpretou o parlamentar mineiro.

Muitos lembraram que o ministro não disputa eleições há mais de vinte anos. E mais: «Todos os candidatos que apoiou no último pleito foram batidos nas urnas. Outros preferiram não tecer comentários, como o deputado Aécio Neves: «Não li jornais hoje», esquivou-se. Houve aqueles que atribuíram os torpedos de Aureliano Chaves a «mágoas» e «ressentimentos», como o deputado Hélio Costa.

— Afinal, a Frente Liberal foi tratada nas últimas eleições em Minas como remanescente do PDS, avaliou.

Alguns constituintes se valeram da sutileza. O deputado Sérgio Werneck, embora tenha ressaltado que o comportamento de Aureliano foi estranho, é de opinião que «o presidente José Sarney é o único juiz para auferir o padrão de lealdade de seus ministros». Também não faltaram ironias: «Aureliano teve o seu ato de desobediência civil. Está na moda», disse o deputado Mauro Campos.

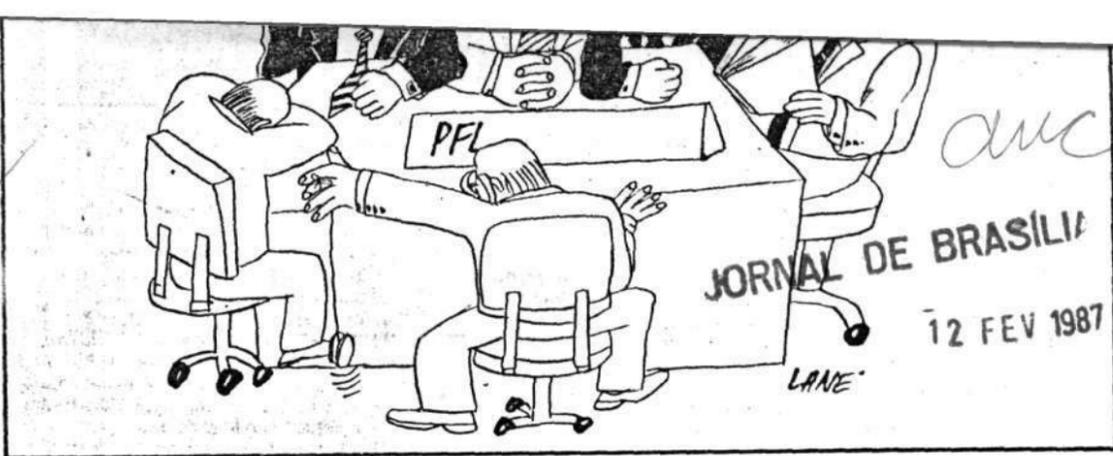
Ele, como muitos outros, falou em demissão. «Quando se é ministro, cargo de confiança do presidente, ou se está com o governo ou fora dele».

Ulysses crê em solução

O presidente da Assembléia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães, afirmou ontem que respeita a manifestação do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, contra a política econômica do governo e do PMDB, mas ressaltou os aspectos positivos do Plano Cruzado, que, na sua opinião, «resultou em ganhos sociais inequívocos para toda a Nação».

Ulysses disse ter conversado longamente com o presidente Sarney, na noite de terça-feira, revelando que ele está «disposto a enfrentar os problemas que ora se apresentam e confiante de que vai conseguir superar essas dificuldades». Ulysses admitiu desacertos no Plano Cruzado, mas disse estar «convicto» de que as coisas se acertarão.

«Eu tenho muito respeito pelo ministro Aureliano Chaves, figura fundamental na transição e na eleição de Tancredo Neves e de José Sarney» — afirmou Ulysses —, «mas entendo que o Plano Cruzado aumentou o poder aquisitivo da população, promoveu a melhoria dos salários, aumentou a oferta de empregos, permitiu que a indústria trabalhasse a todo vapor». Os reajustes, segundo ele, serão enfrentados pelo governo, com a ajuda do PMDB. Ulysses lembrou que existem críticas dentro do próprio PMDB à política econômica, salientando que essas manifestações ajudam o governo a corrigir os erros.



ANC 88
Pasta 09 a 14
fev/87
068

Desencontro frustra reunião de liberais

Em clima de total desencontro, o que chegou a incomodar o novato deputado Eraldo Trindade (AP), preocupado com a possibilidade de a imprensa «vir a nos ridicularizar», o PFL apoiou ontem uma sugestão em favor da convocação do ministro Dilson Funaro «para dar explicações» sobre a política econômica do governo. Mas a proposta foi suspensa. Pouco depois, o partido aprovou outra em favor da declaração de «um voto de desconfiança» contra o ministro Dilson Funaro. Mas os liberais concluíram em seguida que isto era «muito precipitado», deixaram de lado o «voto de desconfiança» e afinal concluíram que é melhor convocar a bancada para a semana que vem, para discutir economia, mas sem o ministro Funaro, que «está como um cego em tiroteio», segundo

declaração do presidente interino do PFL, deputado Maurício Campos (MG).

Tudo isto ocorreu numa reunião que não tinha nada a ver com economia: por convocação do líder do partido na Câmara, José Lourenço (BA), o PFL deveria discutir a proposta de Regimento Interno da Constituinte, que o partido pretende apresentar como substitutivo ao projeto do PMDB. Alguns chegaram a levar a sério a discussão, como o ex-senador pedessista e hoje deputado liberal Aloísio Chaves (PA), concentrado em dar explicações de natureza jurídica sobre a proposta. A maioria dos deputados, no entanto, se viu em dificuldade, pois toda a bancada estava tomando conhecimento do texto do «rascunho» (de 30 laudas) naquele momento, e além do mais o prazo final para a

apresentação do substitutivo encerra-se hoje.

O próprio José Lourenço encarregou-se de direcionar a discussão para o campo político-econômico, elogiando logo de início o ministro Aureliano Chaves por suas recentes críticas ao governo. Depois de considerar o ministro das Minas e Energia um homem «claro, transparente», o próprio Lourenço propôs a convocação de Funaro, e viu sua proposta ser aplaudida por aclamação. O novato Mendes Thame (SP), no entanto, concluiu que Funaro não diria nada de novo e defendeu a declaração «de desconfiança», cuja aprovação José Lourenço preocupou-se em apressar. O deputado Oscar Correa (MG), após a aprovação da proposta, indagou no entanto qual seria sua «finalidade prática».

Estratégia continua contra o PMDB

Gerson Menezes

A estratégia já começou, embora boa parte da bancada não tenha se dado conta disso. A pretexto de discutir uma proposta de Regimento Interno, o líder do PFL na Câmara, José Lourenço, transformou ontem uma reunião do PFL em manifestação coletiva contra o PMDB e em favor do ministro Aureliano Chaves. Atendeu ainda a um item básico da estratégia que estaria sendo desencadeada pela cúpula pefelista: o de criar fatos políticos seguidamente. Além da reunião de ontem, o líder já marcou outra para a semana que vem, depois de ver derrotada a proposta (que ele incentivou com insistência) de os pefelistas «fecharem» desde já um posicionamento público contra a política econômica do governo.

A insatisfação com o PMDB é nítida e verdadeira entre os liberais, com a diferença de que alguns deles imaginam que há de fato um posicionamento favorável à passagem do partido para a oposição. Alguns não imaginam que as críticas, ao invés disso, objetivam apenas criar um clima de «intimidação» de modo a aproximar cada vez mais do poder o bloco dos liberais. Para isto, é indispensável sobretudo que o PFL mantenha-se no discurso, sem nenhuma ação concreta até que perceba se o blefe deu ou não resultado. Assim, o líder José Lourenço apóia propostas como a de «um voto de desconfiança» contra o ministro Dilson Funaro, mas o posicionamento «oficial» da bancada pefelista, através de uma convenção mediante a qual as bases se manifestem sobre o desejo de irem ou não para a oposição, fica para depois. Mesmo porque, decidido isto em

convenção, não há como retroceder.

Parlamentares inteligentes, como o alagoano José Thomaz Nonô, que parece se manter afastado do centro nervoso do partido depois que foi derrotado na disputa pela liderança, dão a entender que não percebem isto na medida em que cobram, insistentemente, uma definição «imediate» sobre o que desejam as bases partidárias, ou seja, se elas querem ou não ir para a oposição, quando uma definição destas a essa altura colocaria por água abaixo toda a estratégia montada. Na reunião de ontem, era nítida a diferença de comportamento entre o líder consciente da estratégia, que pretendia apenas formalizar uma «declaração» de desagrado contra o governo, e o restante da bancada, que encarava esta simples «declaração» como algo que pudesse ser confundido com uma decisão pronta e acabada, ou seja, como uma «ação».

Para Planalto, o alvo de Aureliano é Maciel

Memélia Moreira

As críticas feitas pelo ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, às medidas do Governo, particularmente ao caráter político-eleitoral do Plano Cruzado, têm um alvo: o ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, com quem Aureliano disputa o comando do Partido da Frente Liberal.

Esse é o consenso no Palácio do Planalto. E essas críticas estão sendo assimiladas pelo presidente Sarney, que espera resolver os principais focos de crise econômica e social até o fim de março e está mais preocupado com o pacto social que ainda considera viável — do que com as críticas ou declarações carregadas de ameaças, semelhantes às do senador Affonso Camargo (PMDB-SC), ex-ministro dos Transportes e primeiro-vice presidente do PMDB. O senador, que já foi biônico, disse em entrevista que o PMDB abandonaria o Governo caso este não cumprasse os programas da Nova República.

O presidente da República já antecipava as críticas. Ele

esperava, para o início dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, navegar com turbulência e, por essa razão, sigilosamente, idealizou a reativação do líder do governo no Congresso, que terminou sendo líder na Câmara. Sarney não responderá às críticas. Não faz parte de seu estilo. Ele entende que o ministro Aureliano Chaves está tentando capitalizar as insatisfações do PFL (que acusa Sarney de ser mais peemedebista do que deveria ser) e continua mantendo o mesmo conceito sobre seu ministro das Minas e Energia: um homem íntegro.

Além disso, o presidente da República sabe que até o momento da reforma ministerial, os dois partidos que o apóiam, PMDB e PFL, disputam também um pouco mais de poder dentro do Executivo. O PMDB quer ampliar o número de ministérios. Mais especificamente, pretende abocanhar mais três ministérios. E o PFL, sem pretensões de ampliar seus quadros no primeiro escalão quer, no mínimo, não perder nenhum dos ministérios conquistados. Para a tranquilidade deste partido, Sarney, na reforma

ministerial, não sacrificará a Frente Liberal.

Essa disputa entre os dois partidos da Aliança Democrática, merece comentários nada abonadores tanto para a Frente Liberal quanto para o PMDB. «Os que estão aí botando a cabeça de fora visam apenas a reforma ministerial. É fisiologismo puro. Nada tem de sério. Sarney conta com apoio da maioria silenciosa nos dois partidos e os críticos querem apenas ter um pedaço maior no primeiro e segundo escalão». A frase foi dita por uma das pessoas mais próximas ao presidente da República.

Foi exatamente para buscar o apoio extra Aliança Democrática que levou Sarney a escolher o líder da maioria e quando a decisão presidencial estava praticamente cristalizada, o PMDB retomou o mesmo tom das críticas que antecederam o Plano Cruzado, em fevereiro do ano passado. Sarney ampliou o leque de participação parlamentar no Governo e isso desagradou seu partido. Por essa razão, o presidente está recebendo um verdadeiro bombardeio de críticas, mas ele mesmo está satisfeito.